Capítulo 12

A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins

Marcio Ferreira Rangel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p. Ciência & Sociedade collection. ISBN 978-85-7879-079-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

12.

A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins

Marcio Ferreira Rangel

No período dos Estados Modernos, a constituição de coleções históricas e artísticas nacionais, que compõem um patrimônio nacional, apresenta-se como uma prática característica destes governos que através de determinados agentes, recrutados entre intelectuais e com base em instrumentos jurídicos específicos, delimitam um conjunto de bens no espaço público (Fonseca, 1997, p.11). De acordo com a autora, o universo dos patrimônios históricos e artísticos nacionais se caracteriza pela heterogeneidade dos bens que o integram, sendo esta heterogeneidade marcada pela concepção de patrimônio e cultura adotada pelos agentes formadores.

O ato de colecionar realça os modos como os diversos fatos e experiências são selecionados, reunidos, retirados de suas ocorrências temporais originais, e como eles recebem valor duradouro em um novo arranjo. Coletar, pelo menos no ocidente, onde geralmente se pensa no tempo como linear e irreversível, pressupõe resgatar fenômenos da decadência ou perda histórica inevitáveis. A coleção teoricamente contém o que merece ser guardado, lembrado e entesourado. Para Huyssen (1997, p. 123), no mundo moderno os museus são instituições pragmáticas que colecionam, salvam e preservam aquilo que foi lançado aos "estragos" da modernização.

Os objetos museológicos podem ser compreendidos como objetos no museu e na "organicidade" das coleções, onde foram desprendidos de suas funções originais. A nova relação com o presente se faz com associações estreitas com o seu semelhante, isto é, o objeto que compõe a mesma coleção insere-se na categoria complementar ao quebrar sua mera existência na cadeia produtiva econômica e ao dotar-se de uma aura no espaço museológico.

A falta de uma concepção clara do que possui valor histórico, artístico e científico, do que pode ser considerado patrimônio, também deve ser visto como um elemento determinante na heterogeneidade de algumas coleções. Este aspecto chama a atenção para o fato de que estes bens pertencem, enquanto signos, à sistemas de linguagens distintas: à arquitetura, às artes plásticas, à música, à etnografia, à arqueologia e à ciência. Cada um desses sistemas tem, por sua vez, suas especificidades e seu modo próprio de funcionamento enquanto código. Além disso, esses bens cumprem funções diferenciadas na vida econômica e social. É nesta perspectiva que proponho a análise das coleções do Museu de Astronomia e Ciências Afins.

A criação do Museu

Ao pesquisar a construção e a formação das coleções museológicas do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, além de aprofundar o conhecimento sobre o processo de criação do Museu e a trajetória de seu acervo, estou simultaneamente analisando os personagens, grupos e instituições que as formaram. Há princípios atrás da organização destas coleções que podem reproduzir valores, ideologias e modelar narrativas.

Com a intenção de propor ações preservacionistas no campo das ciências, em 1982 um grupo de pesquisadores do CNPq inicia, no âmbito do Observatório Nacional (ON), o Projeto Memória da Astronomia e Ciências Afins no Brasil (PMAC). Ao apresentar a proposta de criação do Museu, indicam que esta iniciativa tem por objetivo “dotar o país de uma instituição nos moldes dos museus de ciência há muito existentes no exterior: Palais de la Découverte, de Paris; Science Museum, de Londres; o complexo museológico do Smithsonian Institution; os museus de ciência da Índia, reunidos sob o National Council of Science Museums e o Singapore Science Center¹”. Neste mesmo ano, com a colaboração da Superintendência de Museus do Estado do Rio de Janeiro, o Arquivo Nacional, o Programa de Engenharia Metalúrgica da COPPE/UFRJ e o Núcleo de História da Ciência e da Tecnologia, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, o grupo (PMAC) realizou as seguintes atividades: exposição comemorativa do Centenário da Passagem de Vênus (1882-1982) e a Mesa Redonda Preservação da Cultura Científica

1 Projeto Memória da Astronomia e Ciências Afins no Brasil. Museu de Ciência: proposta de criação. Rio de Janeiro, ago. 1983. Cópia (Arquivo MAST).

Nacional². Esta mesa tinha por objetivo discutir os caminhos a serem adotados na preservação do patrimônio científico nacional, tendo neste momento como foco o patrimônio sobre a guarda do Observatório Nacional.

No ano seguinte, em 1983, um grupo de intelectuais preocupados com a preservação “dos marcos históricos que testemunham a vocação criadora da inteligência brasileira nos domínios da ciência”, solicita o tombamento “do sítio onde se acha localizado o Observatório Nacional, Rio de Janeiro, assim como de todo o acervo histórico daquela tradicional instituição de pesquisa, que inclui documentos, instrumentos e um conjunto de edificações datado do início do século”³. Entre eles destacamos: Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Franklin de Oliveira, Nelson Werneck Sodré, Roberto Marinho, Mário Novelo, Mário Schenberg, Josué Monteiro, Plínio Doyle, Antônio Houaiss, Francisco de Assis Barbosa, Austragésilo de Athayde, Afrânio Coutinho, Lyra Tavares, Orígenes Lessa, Cyro dos Anjos, Carlos Chagas, Shozo Motoyama, Luis Pinguelli Rosa, Fernanda de Camargo A. Moro e Crodowaldo Pavan.

Como resultado desta articulação, a então Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1984, determinou o tombamento dos prédios e do acervo científico do Observatório Nacional e sugeriu a criação do museu. Em 1985 ocorre o tombamento provisório e é criado o Museu de Astronomia Ciências Afins.

Somente no dia 14 de agosto de 1986 ocorre o tombamento definitivo do Museu (processo 1009-T-79) e sua inscrição nos Livros de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (inscrição 095) e Histórico (inscrição 509), com a seguinte descrição:

“Situated em área com cerca de 40.000 m², delimitada conforme poligonal descrita e constante do processo, bem como o acervo arrolado no anexo III do mesmo processo. Encontra-se hoje em São Cristóvão,

2 Participaram desta mesa: Carlos Chagas Filho (Instituto de Biofísica da UFRJ); Crodowaldo Pavan (Presidente SBPC); Fernanda de C. Almeida Moro (Superintendência de Museus da FUNARJ); George Cerqueira Leite Zarur (Programa de Museus e Coleções Científicas do CNPq); Lício da Silva (Departamento de Astrofísica do Observatório Nacional); Mário Schenberg (Instituto de Física da USP); Maurício Mattos Peixoto (Presidente da Academia Brasileira de Ciências); José Leite Lopes (Físico Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF); Luiz Muniz Barreto (Diretor do Observatório Nacional); Ronaldo R. de Freitas Mourão (Projeto Memória do Observatório Nacional); Shozo Motoyama (Núcleo de História da Ciência e da Tecnologia da USP) e Simão Mathias (Instituto de Química da USP).

3 Projeto Memória da Astronomia e Ciências Afins no Brasil. Museu de Ciência: proposta de criação. Rio de Janeiro, ago. 1983. Cópia (Arquivo MAST).

tendo funcionado no alto do Morro do Castelo, em edificação do colégio que fora dos jesuítas. Diversos acréscimos foram sendo realizados a fim de atender à modernização das pesquisas científicas. A partir da década de 1980, com a construção de um novo observatório na Serra da Mantiqueira, sul de Minas, foi mantido em São Cristóvão apenas alguns programas, como o serviço de hora e o atendimento às áreas de ensino. O edifício principal, que abriga a administração foi projetado pelo arquiteto Mário de Souza inspirado no prédio central do observatório de Paris. As demais edificações, sejam as cúpulas para observação, as novas instalações para o serviço de hora ou a antiga residência do diretor foram posteriores dos astrônomos, são construções feitas sem nenhuma preocupação estética. Apresenta uma coleção de objetos científicos como lunetas e telescópios de grande valor para a história científica do Brasil. A densa arborização que encobre parte considerável do campus tem grande valor paisagístico⁴.

Deve-se ressaltar que os bens que vieram a fazer parte do acervo perderam o seu valor estético, de uso, decorativo e econômico e passaram a apresentar, valor histórico, valor de documento. Segundo K. Pomian (1984, p. 53), qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar público, pode fazer parte de uma coleção. Para Jean Baudrillard (1993, p. 94), o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção. Cessa de ser tapete, mesa, bússola, teodolito, luneta ou sextante para se tornar objeto. O ato de colecionar realça os modos como os diversos fatos e experiências são selecionados, reunidos, retirados de suas lógicas temporais originais, e como eles recebem um valor duradouro num novo arranjo (Rangel, 2000, p. 78). A criação e a trajetória do Museu de Astronomia e Ciências Afins está relacionada ao desejo/discurso de preservação de “um patrimônio” em risco. Neste sentido o processo de criação do MAST é o resultado direto do medo da perda.

4 Arquivo Noronha Santos. Livros de Tombo. Capturado em 02 de maio. Disponível on-line na fonte: <http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>

Entre Teodolitos, Lunetas e Sextantes⁵.

Na análise do acervo científico, apresento como recorte a coleção de instrumentos oriunda do antigo Observatório Nacional, composta por 1051 objetos distribuídos nas seguintes categorias: Astronomia; Cálculo e Desenho; Eletricidade e Magnetismo; Geodésia e Topografia; Geofísica e Oceanografia; Medição do Tempo; Meteorologia; Metrologia; Navegação; Óptica; Química; Termologia e Acessórios de Astronomia e Geodésia.

Termômetros, cronômetros, barômetros, sismógrafos, teodolitos, espectroscópios, lunetas e altazimutes apresentam-se como testemunhos materiais da cultura e memória científica nacional e de práticas científicas desenvolvidas no Brasil.

É possível perceber na Mesa Redonda de 1982, que a existência deste acervo influenciou no modelo de instituição museológica adotada. Ao analisar a concepção de museologia e museu, presente no momento de criação da instituição, é possível verificar que as propostas transitavam entre um centro de ciência, modelo adotado na década de 80 do século XX, por diversas instituições⁶ e um modelo clássico de museu que tivesse como eixo norteador de sua estruturação o acervo. O documento enfatizava que

“longe de caracterizar-se como depósito de peças antigas, expostas estaticamente, o Museu deve buscar sempre arrojadas soluções estéticas e pedagógicas de modo a motivar o público visitante, estimulando-o intelectualmente para participar ativamente nas demonstrações dos fenômenos naturais básicos e dos encadeamentos do pensamento científico⁷”.

5 TEODOLITOS: Instrumento utilizado para medir ângulos horizontais e verticais; LUNETAS: Instrumento utilizado em observações celestes; SEXTANTE: Instrumento utilizado para medir distâncias angulares. Empregado na navegação astronômica para medir a altura de um corpo celeste. Pode ser utilizado em terra com o auxílio de um horizonte artificial.

6 Na década de 80 podemos citar a criação das seguintes instituições: Museu Dinâmico de Campinas; Espaço Ciência Viva no Rio de Janeiro; Estação Ciência de São Paulo; Estação Ciência da Paraíba entre outros.

7 Projeto Memória da Astronomia e Ciências Afins no Brasil. Museu de Ciência: proposta de criação. Rio de Janeiro, ago. 1983. Cópia (Arquivo MAST).

Neste trecho podemos verificar a ênfase dada aos museus que adotavam os aspectos “interativos” em suas exposições e a crítica as instituições museológicas denominadas tradicionais na sua forma de comunicação. A proposta de museu efetivada optou por uma instituição de caráter híbrido, ou seja, adotou uma linguagem expositiva de centro de ciência e o acervo ficou localizado em uma reserva técnica visitável. Tal medida evidenciou a dificuldade da instituição em trabalhar com este conjunto de instrumentos que esteve diretamente relacionado com os argumentos de criação do Museu. No decorrer dos anos, em diferentes momentos de crise institucional, o acervo de instrumentos científicos⁸ foi um dos elementos argumentativos de defesa da instituição.

Considerações finais

No processo de construção do patrimônio científico (Choay, 2001, p. 11), deve-se compreender o vasto conjunto de bens materiais e simbólicos produzidos ou utilizados ao longo do trajeto da produção e difusão do conhecimento. Consideramos os objetos que formam esta coleção, indícios ou pistas materiais (Ginzburg, 1989, p. 143) de pesquisas pregressas, uma espécie de biografia institucional, como um livro que contivesse a síntese do museu. Além de patrimônio científico, as coleções são suportes de memória, pois nos remetem a procedimentos, práticas científicas e conceitos de nosso passado remoto e recente. Apesar de possuir este forte laço com o nosso passado, as coleções científicas possuem um laço de igual intensidade com o futuro, quando consideramos as possíveis reestruturações conceituais que podem ocasionar.

O acervo museológico do MAST constitui o testemunho do conhecimento gerado pela pesquisa pregressa. No mundo contemporâneo, além das coleções científicas se colocarem como fonte crucial de informação para diferentes campos do saber, elas também se transformaram em herança cultural, em testemunho da rica história do descobrimento e da expansão da sociedade brasileira em seu território. Por maior valor intrínseco que possuam os objetos de uma coleção, estes só passam a adquirir *status* e expressão de herança cultural, depois de estudados e tornados acessíveis à coletividade. Foi com este olhar que estruturei este artigo, considerando estas coleções patrimônio científico, testemunho da consolidação da ciência e tecnologia no Brasil.

8 Junto com o acervo de instrumentos científicos, o acervo histórico do arquivo do MAST também era apontado com uma das razões para a permanência da instituição.

Considerando as coleções do MAST testemunhos materiais de práticas científicas de diferentes períodos, vejo como estratégico a pesquisa de sua formação. Desta poderemos gerar informações que alimentarão outras ações estratégicas do Museu, tais como: o Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa – projeto elaborado pela Coordenação de Museologia do MAST em parceria com o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL), que tem como objetivo desenvolver um tesouro terminológico para acervos de objetos científicos que possa constituir um instrumento de trabalho e de recuperação da informação, facilitando a comunicação entre os museus de ciência e técnica da esfera lusófona, especialmente Brasil e Portugal; a Política de Aquisição e Descarte de acervos: documento que norteia todo o processo de formação das coleções científicas do museu e a Reformulação da Exposição Permanente do Museu: projeto que apresenta a reformulação de todo o circuito expositivo do museu, tendo como um de seus princípios norteadores o acervo.

Não podemos ainda esquecer o papel que o Museu pode ocupar no âmbito do Ministério de Ciência e Tecnologia, como instituto orientador de políticas públicas de preservação para área de C&T. Em suma, o que busquei apontar neste artigo foi à relevância do acervo do MAST como fonte de investigação para a museologia e para a história das ciências.

Referências

ARQUIVO MAST. Projeto Memória da Astronomia e Ciências Afins no Brasil. Museu de Ciência: proposta de criação. Rio de Janeiro, ago. 1983. Cópia

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MINC- IPHAN, 2005.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia da história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HYUSSEN, Andreas. Memórias do modernismo. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

POMIAN, K. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. v. 1. p. 51-86.

RANGEL, Marcio Ferreira. A Formação do Acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro: caos e memória. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Documento / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2000.

Referências eletrônicas:

Museu de Astronomia e Ciências Afins: http://www.mast.br/nav_h03.htm

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: <http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>